

Nada mais saudável para a vida universitária do que debates conduzidos em nível adequado e respeitoso.

Já bastaria isto para valorizar o documento, produzido por professores de Minas Gerais, que recebeu o apoio de numerosos colegas de todo o Brasil. Tratou-se de redefinir a importância e a especificidade da universidade, procurando-se colocá-la em seu patamar adequado. Dentro desse contexto, repudiou-se o autoritarismo de um Estado centralizador, eventualmente policialesco. Por outro lado, foram feitas algumas restrições a certos aspectos do movimento docente, por exorbitar de suas finalidades, correndo o risco de desvirtuar as características básicas da vida acadêmica.

Em função disto estabeleceu-se uma polêmica, com uma resposta preparada por dirigentes do movimento docente, que procura rebater algumas das críticas mencionadas.

Tentando contribuir para este debate, primeiramente, creio ser importante assinalar que o primeiro documento é uma das análises mais sérias já feitas sobre a universidade brasileira. Creio que boa parte dele seria endossada por, praticamente, todos os docentes. No entanto, a própria virtude do texto, vigoroso e incisivo,

acaba levando a uma generalização que pode ser injusta. Especificamente, cabe registrar, que em várias universidades federais, como a UFRJ, a associação docente tem se preocupado com a especificidade e a qualidade do trabalho acadêmico, assim como com as garantias de sua liberdade. Neste sentido tem demonstrado possuir um *espírito universitário* mais desenvolvido do que diversos ocupantes de cargo de cúpula das instituições oficiais.

Creio que há várias interpretações e não uma única de conduzir, atualmente no Brasil, o movimento docente. Há, sem dúvida, uma vertente que está muito próxima do espírito do documento que detonou o debate. Seria importante, portanto, reconhecer as particularidades e diferenças dentro do movimento docente como um todo. A polarização entre "acadêmicos" e "ativistas" é excessivamente esquemática e simplificadora. Podem até virar categorias de acusação.

Quero sugerir que as áreas de confluência e consenso são muito maiores do que, em momentos mais acirrados do debate, possamos perceber.

Rio de Janeiro, 24 de abril de 1985.